

## GRUPOS ESCOLARES: CRIAÇÃO MAIS FELIZ DA REPÚBLICA<sup>1</sup>? Mapeamento da Produção em Santa Catarina

**Vera Lucia Gaspar da Silva**

Professora do Centro de Ciências Humanas e da Educação – FAED, da Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC. Doutora em Educação: História da Educação e Historiografia pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo – FEUSP.  
E-mail: vera.gaspar@floripa.com.br

**Gladys Mary Ghizoni Teive**

Professora do Centro de Ciências Humanas e da Educação – FAED, da Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC. Doutora em Educação: Saberes, Cultura e Práticas Escolares pela Universidade Federal do Paraná – UFPR.  
E-mail: gladysteive@gmail.com

### Resumo

Neste artigo apresentamos um mapeamento inicial de pesquisas e produções que tomam por objeto os Grupos Escolares de Santa Catarina. O eixo deste investimento foi a busca de trabalhos que ajudem a compreender a construção da escola graduada em Santa Catarina, considerada pelos republicanos românticos como a “invenção mais feliz da República”. Para esta cartografia, selecionamos três itens para análise: “Recorte Temporal e Fontes”, “Perspectivas Teóricas e de Análise”, e “Como os grupos escolares estão retratados”. Os resultados obtidos apontam para o reduzido número de investigações sobre esta temática e assinalam significativos silêncios, como por exemplo, as questões relacionadas à raça e etnia, bem como aquelas vinculadas à construção de papéis masculino e feminino na perspectiva de gênero, nos currículos desta escola ao longo do século XX.

**Palavras-chave:** História da educação catarinense. Grupos escolares. Santa Catarina. Escola primária.

---

<sup>1</sup> Paráfrase da afirmação do historiador Leôncio Basbaum na obra *História sincera da República* (São Paulo: Alfa Ômega, 1986).

## SCHOOL GROUPS: THE HAPPIEST CREATION OF REPUBLIC? A map of production in Santa Catarina

### Abstract

In this article we present a initial map on researches and productions related to school groups of Santa Catarina state. The could help us to understand the construction of a graduated school in Santa Catarina, considered by the republicans as “the happiest invention of republic”. The study also presents 3 item’s selected for analysis: “Period of research and sources”, “Theoretical perspectives and analysis” and “How the school groups are portrayed”. The results obtained from these researches point out left behind as well as those ones linked to men and women constructions and roles, based on a perspective of gender in which lies in this school program along the 20 th century.

**Keywords:** Santa Catarina history. School groups. Elementary school.

Inaugurados com pompa e circunstância em Santa Catarina a partir de 1911, os grupos escolares<sup>2</sup> deveriam, através de um currículo inspirado nos pressupostos da Pedagogia Moderna, sintonizar o povo catarinense ao projeto civilizador que tem na escola de massas dos séculos XIX e XX uma de suas instituições mais importantes. Por meio da alfabetização, da educação moral e cívica, do acesso a conhecimentos científicos básicos, da contemplação e do manuseio de modernas e sofisticadas instalações e materiais pedagógicos, objetivava-se integrar (seja o imigrante, seja o “nativo”), nacionalizar, higienizar, racionalizar o homem e a pólis.

Templos de civilização, como bem os denominou Rosa Fátima de Souza, os GEs representaram até o início da década de 1970 – quando, por força da Lei 5.692/71, foram substituídos pela escola de 1º grau – o ideal de escola: ensino graduado e racionalizado, classes divididas por idade, sexo e grau de adiantamento das crianças, prédios, instalações e mobiliários construídos segundo os modernos preceitos higienistas, predomínio de disciplinas de caráter enciclopédico, aulas de ginástica, música e trabalhos manuais, método de ensino e materiais didático-pedagógicos para o ensino intuitivo, e a prática das lições e coisas, ícones-chave da pedagogia moderna.

Alicerçado nesses postulados, o professor paulista Orestes Guimarães – especialmente contratado em 1910 pelo governo do Estado para reestruturar e modernizar a instrução pública catarinense – organizou o GE Conselheiro Mafra, o primeiro dos sete exemplares do que

---

<sup>2</sup> Por limite de espaço, adotaremos as siglas GEs e GE.

reconhecemos como a primeira geração dos GEs deste Estado. Numa cascata entoada por discursos e festividades, segue-se a inauguração dos demais: em 1912, o GE “Jerônimo Coelho”, em Laguna, e o GE “Lauro Müller”, em Florianópolis; em 1913, os GEs “Vidal Ramos”, em Lages, “Silveira de Souza”, em Florianópolis, “Victor Meirelles”, em Itajaí, e “Luiz Delfino”, em Blumenau.

Tal como se pode constatar pela nominata das cidades acima, as primeiras unidades foram implantadas nos centros urbanos de maior porte do Estado, haja vista a exigência, para a sua criação, de uma demanda mínima de 300 crianças em idade escolar (TEIVE, 2008, p. 97), dos sete aos quatorze anos e, sobretudo, devido aos altos custos que representavam para os cofres públicos a sua instalação e manutenção. Nos municípios de médio e pequeno porte – a grande maioria na época –, continuaram funcionando as escolas isoladas e as escolas reunidas, de modelo multisseriado e monodocente.

Conforme mencionado, considerando as três primeiras décadas do século XX, em Santa Catarina este modelo se constituiu numa forma escolar eminentemente urbana. Todavia, até mesmo na memória daqueles/as que não puderam frequentá-lo permanece como modelo de escola de qualidade, como “escola de verdade” – não sendo difícil encontrar, ainda hoje, pessoas que se refiram à Escola Fundamental de 1ª a 4ª série como “grupos escolares”. Ademais, a cultura escolar realçada nesta forma ainda pode ser percebida, seja no que se refere ao ensino graduado e simultâneo, nos horários predeterminados e na racionalização do trabalho, seja ainda em outras práticas mais sutis, tais como as premiações e os castigos morais.

Embora muitos desses elementos estejam identificados e a quase cem anos da implantação dos primeiros GEs em solo catarinense, podemos afirmar que as investigações com base neste objeto estão apenas começando. Afora o trabalho seminal da professora Neide de Almeida Fiori “Aspectos da evolução do ensino público e política de assimilação cultural no Estado de Santa Catarina nos períodos imperial e republicano”, publicado na década de 1970, acompanhado por alguns ensaios isolados ou produções de intelectuais vinculados à máquina pública, somente nos finais do século XX e na virada do século XXI ganha força a investigação diretamente relacionada à chamada escola republicana<sup>3</sup> ou, como afirmou Basbaum, “a invenção mais feliz da República”, frase-título deste artigo.

---

<sup>3</sup> É importante situar aqui o que se entende por escola republicana, uma escola gestada sob inspiração da República francesa que cunha uma forma escolar que se espalhou por territórios com diferentes regimes políticos, republicanos ou não republicanos. Aliás, esta é uma reflexão que carece de aprofundamento, como foi indicado na discussão levada a efeito no Colóquio Nacional de Investigações Comparativas em Grupos Escolares, realizado em São Luís do Maranhão em agosto de 2007.

Não se poderia deixar de mencionar aqui o Centro de Estudos e Pesquisas Educacionais – CEPE da Udesc. Criado em 1963, este Centro produziu vários diagnósticos da situação da rede escolar para os órgãos oficiais do Estado, negociados e subvencionados pelo Gabinete de Planejamento do Plano de Metas do Governo de Santa Catarina. Estas pesquisas, inéditas no cenário catarinense, serviram como subsídios básicos para balizar o planejamento educacional catarinense, particularmente o primeiro Plano Estadual de Educação (AURAS, 1998, p. 32). Em 1966, sob a supervisão técnica de Sílvio Coelho dos Santos, o CEPE elaborou o primeiro projeto de pesquisas que procurava “obter dados globais” sobre o ensino primário e médio, intitulado “Projeto de Pesquisa sobre as condições do processo educacional no Estado, em nível primário e médio” (AURAS e DALLABRIDA, 2003, p. 98). Houve intensa mobilização e articulação dos pesquisadores do CEPE e alunos do Curso de Pedagogia para a concepção de uma pesquisa integrada, superando, de forma inédita, os incipientes e setorizados trabalhos dos primeiros anos daquele núcleo de investigação. Este levantamento estadual de dados escolares para os órgãos administrativos e técnicos visava a fundamentar o planejamento educacional do Estado. O projeto foi executado entre abril de 1966 e março de 1967, e, com base em seus dados, foi apresentado um relatório sob o título “Sobre as condições do processo educacional em Santa Catarina”. O trabalho de pesquisa foi realizado pelos técnicos do CEPE, auxiliados por alguns professores do Curso de Pedagogia e com assessoria técnica do norte-americano Jacques Torfs, perito da Unesco. Até o final da década de 1960, mediante convênios com o Gabinete de Planejamento do Plano de Metas do Governo, o CEPE realizou mais quatro pesquisas, que abordam diversificados aspectos do sistema escolar catarinense. Em 1968, foram concluídas as pesquisas “Expansão da Escolaridade Primária até a Sexta Série” e “Evasão Escolar e Repetência nas Comunidades Pesqueiras de Santa Catarina”. A primeira analisa possibilidades de ampliação da escolaridade obrigatória, apontando seus limites. No ano seguinte, o ensino médio foi sondado de forma global, daí resultando o relatório de pesquisa “A situação do Ensino Médio em Santa Catarina” (AURAS e DALLABRIDA, 2003, p. 98). Nesta direção, à luz das pesquisas citadas, o CEPE gestou o primeiro Plano Estadual de Educação, para o decênio 1969–1980 (AURAS, 1998, p. 30-7).

Afora esta iniciativa, que parece ter mobilizado pesquisadores e técnicos, é possível identificar nos anos posteriores sérias dificuldades para agregar pesquisadores e produções. Particularmente no que se refere à História da Educação, algumas iniciativas isoladas não têm tido resultados muito frutíferos e acabam se perdendo. Temos uma marca política que ajuda a compreender a complexidade do quadro: nossas instituições são bastante frágeis, as iniciativas

em geral ficam centradas em pessoas que acabam “engolidas” por uma máquina burocrática bastante pesada. O isolamento, na Ilha de Santa Catarina, dos Programas de Graduação e Pós-Graduação vinculados às Ciências Humanas (Ciências da Educação, História, Ciências Sociais) das duas maiores universidades públicas<sup>4</sup> do Estado parece agravar o quadro, transferindo para a produção acadêmica limites ou características geográficas.

Todavia, mesmo correndo o risco de não contemplar o conjunto de iniciativas e atentas a armadilhas comuns àqueles que habitam o centro de referência política de um Estado (o que em Santa Catarina não se traduz em centro de referência econômica ou cultural), que inclui a dificuldade de reconhecer o outro, arriscamos nomear duas iniciativas, localizando-as como isoladas e com dificuldades de agregar a produção da área, porém significativas no sentido de construir este movimento. A primeira está materializada no Programa de Pós-Graduação em Educação do Centro de Ciências da Educação – CED, da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, particularmente os trabalhos vinculados à Linha de Pesquisa: Educação, História e Política. O Grupo de Pesquisa “Ensino e Formação de Educadores em Santa Catarina” talvez seja, nesta seara, aquele que mais se aproxima atualmente de um lugar de “concentração de esforços” para adensar a produção na área, com uma temática clara de aprofundamento, a formação de professores, abordada na perspectiva sócio-histórica. Ainda na UFSC, registra-se a ocorrência de alguns trabalhos vinculados aos PPGs<sup>5</sup> de História e de Ciências Sociais, além de outros em formato de TCCs<sup>6</sup> do Curso de História, ocorrência também registrada no mesmo curso oferecido pela Udesc. Esta última, que destacamos como a segunda iniciativa, coloca-se como promissora na área, já que seu primeiro Curso de Mestrado em Educação reconhecido pela CAPES (iniciado em março de 2007) tem como uma (entre duas) das linhas “História da Educação e Historiografia”, a qual se apoia no Grupo de Pesquisa Sociedade, Memória e Educação – GPSOME, cadastrado no CNPq.

Recentemente, temos localizado trabalhos produzidos em programas de outros Estados, constituindo uma espécie de fluxo migratório das produções, o qual precisa ser mapeado e analisado com profundidade. Há que se ter em conta que a produção abrigada em PPGs pode ser localizada com maior facilidade pelos necessários registros nos bancos de dados e necessária visibilidade da qual os programas hoje precisam para constituir seu

---

<sup>4</sup> Existe um conjunto de universidades de função pública, mas de direito privado, além do Centro Universitário Municipal de São José, recentemente criado, uma universidade pública municipal localizada no município de São José – Grande Florianópolis.

<sup>5</sup> Programas de Pós-Graduação.

<sup>6</sup> Trabalhos de Conclusão de Curso.

material de avaliação. Mas isto não pode cegar acerca da existência de outras iniciativas como produções para periódicos regionais e estrangeiros.

Outro elemento a ser considerado é o fato de que são poucos os trabalhos que foram publicados em forma de livro ou em periódicos de maior circulação. A maior ocorrência é de publicação em anais de eventos como Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação, Congressos da SBHE e ANPEd nos GTs “História da Educação”, “Sociologia da Educação”, “Ensino Fundamental” e “Currículo”, a qual tem crescido significativamente.

O reconhecimento dos limites acima referidos deve servir de horizonte para a leitura das informações que passamos a apresentar a partir deste ponto. Fizemos a escolha por destacar da produção localizada três aspectos que consideramos como elementos que podem contribuir para sua caracterização: “Recorte Temporal e Fontes”, “Perspectivas Teóricas e de Análise”, e “Como os GEs estão retratados”.

## **RECORTE TEMPORAL E FONTES**

Há uma concentração de trabalhos que tomam como recorte temporal a Primeira República brasileira, estendendo-se até os anos 1940. No conjunto, há poucas produções com outros recortes, seja anterior a 1889, seja posterior aos anos 40 do século passado. No caso específico dos GEs, os estudos estão concentrados nos primeiros anos de implantação destas instituições no Estado.

Além disso, é possível identificar pontos que aproximam a história da profissão docente da história dos GEs, particularmente se o recorte temporal for coincidente: a inclusão da escola seriada entre os serviços ofertados pelo Estado é acompanhada de reformas e instalação de novos modelos para a formação do docente “idealizados” para materializar este projeto educacional. Uma escola de excelência deveria formar mão de obra especialmente qualificada para atuar nos “palácios da instrução”, como denominam esta escola os pesquisadores Rosinete Maria dos Reis e Nicanor Palhares Sá (2006).

Quanto às fontes que materializam a empiria, a legislação tem sido a mais indicada e consultada, embora pouco problematizada. Neste “lote”, é possível localizar as leis de reforma da educação, decretos a elas vinculados, regimentos que ordenam o funcionamento escolar e portarias que regulam a vida institucional e funcional dos profissionais da educação. As falas

dos governantes, que muitas vezes acompanham estes documentos normatizadores, também aparecem com bastante frequência.

Atualmente, existem ao menos duas bases de consulta especialmente dedicadas à educação que disponibilizam a legislação catarinense. Estas bases podem ser acessadas através dos seguintes endereços: “<http://www.cfh.ufsc.br/~nfiori/leg.htm>” e “<http://www.ced.ufsc.br/gpefesc/>”.

A Imprensa Pedagógica é reconhecida como artefato bastante familiar dos projetos iniciais dos GEs. Utilizam-se revistas, boletins, recomendações, etc. Esta produção, tenha ela origem nas instâncias da administração pública ou nas instituições escolares, tem recebido atenção particular de pesquisadores vinculados ao Grupo de Pesquisa “Ensino e Formação de Educadores em Santa Catarina”, do CED-UFSC. Contudo, os próprios trabalhos indicam a necessidade de aprofundamento das investigações. É notória a “rotatividade” de títulos, o desaparecimento de alguns, que lançam poucos números, o não registro deste material de forma ordenada, bem como a ausência de políticas de preservação da memória escolar. Outras iniciativas começam a despontar, como é o caso do trabalho de algumas pesquisadoras da linha de “História e Historiografia da Educação”, do PPGE da FAED-Udesc, que vêm investigando as séries graduadas de leitura e as cartilhas adotadas nos GEs, muito particularmente as imagens de civilidade, patriotismo e civismo veiculadas nestas produções.

## **PERSPECTIVAS TEÓRICAS E DE ANÁLISE**

Em termos teóricos, podemos caracterizar os trabalhos como sustentados em três eixos:

1) o recurso a uma bibliografia de caráter regional que contribui na construção do mapa temporal, geográfico e político. Entre os autores mais utilizados aqui, poderíamos citar Neide de Almeida Fiori, Oswaldo Rodrigues Cabral, José Arthur Boiteux e Sílvio Coelho dos Santos, todos com atuação significativa na área de Ciências Humanas e Sociais da UFSC;

2) uma bibliografia produzida por autores brasileiros, muitos deles vinculados à História da Educação, cuja produção tem sido veiculada com força nos eventos científicos da área. Dentre os mais utilizados destacam-se Marta Carvalho, Leonor Maria Tanuri, Clarice Nunes, Luciano Mendes de Faria Filho, Casemiro Reis Filho, Diana Vidal e Rosa Fátima de Souza;

3) uma bibliografia de autores estrangeiros, que poderia ser subdividida entre autores com produção mais vinculada à História Cultural e autores que contribuem para uma compreensão de cunho mais sociológico desta história. Entre eles podemos citar Antonio Viñao Frago, Dominique Julia, Pierre Bourdieu, Michel Foucault, André Chervel, Jean Claude Forquin, André Petitat e Roger Chartier. Destaca-se aqui a presença do intelectual italiano Antonio Gramsci, principalmente em trabalhos elaborados entre finais dos anos 1980 e primeiros anos da década de 90. Da mesma forma como indicaram Denice Catani e Luciano Faria Filho no exame da produção do GT História da Educação da ANPEd: “Caberia aqui, é evidente, prosseguir na análise e diferenciar a utilização desses autores no interior dos trabalhos, procurando identificar os tipos de apropriação operados pelos pesquisadores” (2002, p. 127). Grande parte dos trabalhos traz ainda reflexões de cunho político, particularmente em relação ao teor ideológico das políticas oficiais. É possível identificar um veio de análise pautado no marxismo, sobretudo na produção da área dos anos 1980 e início dos 90 (o que parece estar afinado com a tendência nacional).

Há, também, uma parte significativa de trabalhos, especialmente aqueles produzidos nos últimos anos da década de 90 e primeiros anos deste século, que, embora em termos de objeto e métodos se filiem à História da Educação, apresentam análises cujos conceitos e autores-chave têm origem na Sociologia. Conceitos que têm sido operados atualmente com maior recorrência na historiografia da educação, como apropriação, cultura escolar, cultura material, *habitus*, etc., ainda são incipientes na produção localizada, embora não se possa fazer esta afirmação com segurança, já que toda a produção precisa ser revisitada para uma análise mais cuidadosa e aprofundada.

Observa-se também com certa frequência o uso de fontes indicadas como referência teórica, o que não se coloca como característica da produção regional, mas como certo “vício metodológico”.

Quanto ao tema do qual se ocupa este artigo, prevalece a leitura de que os GEs serviram como pilares da República brasileira, abordagem bastante recorrente em nossa literatura. Agora, parece o momento de encadear outras explicações, situando esta “República” e reconhecendo que a forma escolar materializada nos grupos escolares brasileiros está presente em países não republicanos na virada do século XIX para o século XX e que a discussão exige aprofundamento, como indicado no fórum do Colóquio que deu origem ao presente texto.

Ainda que com reservas, é possível indicar que a produção catarinense mantém um olhar mais focado nas reformas e na atuação do Estado do que na história particular da

instituição ou de cada instituição entendida em seu movimento. Isto é compreensível, se considerarmos que o adensamento da produção desta área, muito especialmente no que se refere aos estudos na perspectiva da cultura escolar, é recente. Contudo, faz-se necessário envidar esforços para não se perder numa perspectiva de investigação que redunde encontrar “mais do mesmo”, espelhando vícios que embotam as pesquisas e as produções delas decorrentes, utilizando-se uma mesma matriz para investigação de instituições localizadas em tempos e espaços diferentes e levadas a efeito por sujeitos com trajetórias igualmente diferentes.

## **COMO OS GRUPOS ESCOLARES ESTÃO RETRATADOS**

### **RECORRÊNCIAS**

#### **1 IMPONÊNCIA ARQUITETÔNICA E VISIBILIDADE PÚBLICA**

A imponência dos prédios, sua localização no centro das cidades, o fato de terem sido considerados “Vitrines da República” são elementos que também marcam a construção das primeiras unidades em Santa Catarina. Com exceção dos primeiros prédios dos GEs Luiz Delfino, de Blumenau, e Conselheiro Mafra, de Joinville, que foram destruídos, os que abrigaram os outros cinco primeiros, construídos entre 1910 e 1913, estão a caminho do tombamento e da preservação. Trata-se de prédios

(...) estrategicamente criados em pontos de grande visibilidade social, cravando no imaginário uma ideia de escola que não alcançou um conjunto mais geral da população, mas teve força para seduzi-la. Estas instituições sociais funcionaram como vitrines, mas expunham um produto que não estava à venda; deveria ser reverenciado, admirado, mas estava disponível para poucos. (GASPAR da SILVA, 2006, p. 344)

O primeiro deles teve como origem o Collegio Municipal de Joinville, o qual, após reformas para adaptação, foi reinaugurado em 15 de novembro de 1911 com o nome de GE Conselheiro Mafra.

#### **Grupo Escolar Conselheiro Mafra**



**Fonte:** Acervo da EEB Conselheiro Mafra

O segundo do Estado foi inaugurado em 10 de dezembro de 1912, na cidade de Laguna, localizada no litoral sul, e recebeu o nome de GE Jerônimo Coelho.

### **Grupo Escolar Jerônimo Coelho**



**Fonte:** Acervo particular

No mesmo ano, no dia 24 de dezembro, a capital recebeu festivamente o seu primeiro GE, com o nome de Lauro Müller.

### **Grupo Escolar Lauro Müller**



**Fonte:** Acervo de José Arthur Boiteux localizado no Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina

No ano seguinte, em 20 de maio, foi a vez de o planalto serrano – berço de parte significativa da oligarquia política estadual – inaugurar seu GE que, não por acaso, recebeu o nome de Vidal Ramos, o governador da época.

### **Grupo Escolar Vidal Ramos**



**Fonte:** Acervo do Museu Thiago de Castro, em Lages

A seguir, foi inaugurado foi o GE Silveira de Souza, em 28 de setembro de 1913, situado na capital.

### **Grupo Escolar Silveira de Souza**



**Fonte:** Acervo de José Arthur Boiteux localizado no Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina

Seguiu-se a inauguração, em 4 de dezembro de 1913, do GE Victor Meirelles, situado na cidade de Itajaí, litoral norte do Estado.

### **Grupo Escolar Victor Meirelles**



**Fonte:** Acervo da Casa de Cultura Dide Brandão, de Itajaí

O GE Luiz Delfino, de Blumenau, abriu suas portas em 30 de dezembro de 1913.

### **Grupo Escolar Luiz Delfino**



**Fonte:** Acervo da EEB Luiz Delfino

A construção simbólica que instala o GE como referência foi operada com maestria e marcada por um conjunto de cerimônias que reuniam importantes figuras da cena pública, tal como pode ser constatado na festa de inauguração do GE Getúlio Vargas, em Florianópolis, exemplar da segunda geração deste modelo de escola em Santa Catarina.

“Foi inaugurada em doze de março de mil novecentos e quarenta, pelo Excelentíssimo Senhor Presidente da República, Getúlio Vargas, e demais autoridades como o Interventor Federal do Estado, o Senhor Nereu Ramos, o Secretário de Estado do Interior e Justiça, Sr. Ivo D’Aquino e outras autoridades civis, militares e eclesiásticas, onde solenemente foi inaugurado o ‘Grupo Escolar Getúlio Vargas’, localizado na então Vila de Saco dos Limões, município de Florianópolis, Estado de Santa Catarina.”



“Como um marco da honrosa presença do Presidente Getúlio Vargas, foi plantado no pátio da escola um exemplar de Pau-Brasil, oferta das crianças pernambucanas às crianças de Santa Catarina. Este exemplar de Pau-Brasil ainda hoje permanece verde o ano todo.”

Fonte: <http://www.eebgetuliovargas.sed.sc.gov.br/>.  
Acesso em 4 de agosto de 2007.

## 2 A “IMPORTAÇÃO DE MODELOS” – “O BANDEIRISMO PAULISTA”

Os GEs catarinenses foram criados a partir do modelo paulista, consubstanciado na reforma da instrução pública de 1891, capitaneada por Caetano de Campos. Com esta reforma, o Estado de São Paulo mostrara a toda a nação o caminho para a construção de uma escola popular e “emprestara” seus professores para espargir pelo País o fermento simbólico da modernização do ensino: o método intuitivo ou lições de coisas, o qual, dizia-se, vinha em toda a parte transformando o destino das sociedades. Popularizado pelas lições de coisas – lições pelas coisas, pelos olhos, pelos ouvidos, pelo tato, pelo cheiro e pelo gosto –, este método se constituía no carro-chefe do modelo de escolarização em massa que vinha sendo implementado nos Estados Unidos e nos principais países da Europa.

Santa Catarina, a exemplo do que acontecera com outros Estados da federação, aproveitou-se da experiência inovadora paulista no campo da educação escolar contratando o professor Orestes Guimarães para modernizar a sua instrução pública. “O semeador do novo”, como ficou conhecido, encontrou nos anos 1910 um Estado e, muito particularmente, uma capital cuja elite esforçava-se para modernizar-se, civilizar-se segundo o modelo burguês, e, por essa razão, recebeu do governo do Estado todos os poderes para intervir no arcaico sistema de ensino, de modo a extinguir “velhos hábitos coloniais” e assim colocar Santa Catarina na rota da civilização e do progresso (conforme TEIVE, 2008, p.191-2).

Como já identificamos, o recurso aos reformadores importados de São Paulo também ocorreu em outras partes do território nacional. Rosinete Maria dos Reis e Nicanor Palhares Sá registram esta ocorrência no Estado do Mato Grosso no ano de 1910, com a chegada dos dois primeiros normalistas vindos de São Paulo: Leowigildo Martins de Mello e Gustavo Kuhlmann. A identificação de práticas como esta pode ajudar a compreender em parte certa unidade da forma escolar dos GEs, mas, como alerta Rosa Fátima de Souza, “as similaridades e convergências na estrutura do sistema escolar não autorizam a simplista interpretação de reprodução de modelos” (2006, p. II). E é justamente na busca destas diferentes formas de apropriação que entendemos estar localizada nossa fragilidade e potencial: fragilidade na produção, potencial para produção. Há aqui todo um território a ser explorado.

## ALGUNS LIMITES E PERSPECTIVAS

O contato e o investimento que fizemos até o momento indicam que muitas fontes estão por ser exploradas, como por exemplo: o papel e o pensamento dos intelectuais da educação e a circulação de idéias pedagógicas – objeto que começou a ser explorado recentemente e já conta com algumas produções publicadas, aliado à localização e ao exame de textos fundadores da história e da historiografia da educação catarinense.

No Grupo de Pesquisa “Sociedade, Memória e Educação” e no PPGE da Udesc vêm sendo desenvolvidas investigações no sentido de desvendar a caixa-preta dos primeiros GEs catarinenses, na perspectiva da cultura escolar ali produzida, muito especificamente através da análise das normas e finalidades que regeram a primeira geração de GEs implantados no Estado, conteúdos ensinados e práticas escolares requeridas para a formação das crianças. A cultura material desta escola também tem merecido atenção, com trabalhos de investigação já em andamento.

No que se refere às fontes iconográficas, há um acervo significativo na Casa da Memória, no Museu da Escola Catarinense, no Arquivo Público de Santa Catarina, no Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina, na Biblioteca do Professor Henrique da Silva Fontes, e há ainda um levantamento feito junto aos arquivos dos sete primeiros GEs implantados no Estado.

As fontes estatísticas têm sido desconsideradas desde os anos 1980, e a literatura dos autores catarinenses bem como os jornais de circulação estadual e municipal são fontes pouco exploradas no que se refere aos GEs.

As questões vinculadas à construção de papéis masculinos e femininos na perspectiva de gênero, bem como aquelas relacionadas à raça e etnia, também permanecem praticamente intocadas.

Identificamos ainda a ausência de análises sobre trabalhos apresentados em eventos científicos, tal como as ANPEDs nacionais e regionais, as Jornadas e os Seminários de Iniciação Científica, os Luso-Brasileiros de História da Educação e os Congressos Brasileiros de História da Educação. Encontram-se neste estágio também os trabalhos desenvolvidos ao abrigo dos Programas de Pós-Graduação que, para além dos localizados no Estado, começam a se projetar em outros programas. Já identificamos a ocorrência de investigações vinculadas a PPGEs da USP, UNICAMP e UFPR. Entretanto, não dispomos de catálogos que concentrem

as produções, seja da área, seja do objeto específico deste artigo: os GEs, o que entendemos ser uma tarefa importante para adensar a produção. Devemos aqui destacar algumas iniciativas que vêm tentando cumprir este papel no que concerne à produção geral da área: o livro *Uma Cartografia da Pesquisa em História da Educação na Região Sul: Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul (1980–2000)*, produzido por Maria Helena C. Bastos, Marcus Levy Bencostta e Maria Teresa Santos Cunha em 2004; o artigo “Fontes e Historiografia Educacional Brasileira”, de autoria de Marli Auras, publicado em 2004 no livro organizado por José Claudinei Lombardi e Maria Isabel Nascimento: *Fontes, História e Historiografia da Educação*; e o *site* do Grupo de Pesquisa “Ensino e Formação de Educadores em Santa Catarina”, que também oferece informações sobre produções da área. Contudo, são iniciativas pontuais e não agregam o universo da produção, investimento que está por ser feito.

O testemunho de professores acerca de aspectos que compõem a História da Educação é um importante e singular recurso para a historiografia, tanto da educação como da história da profissão docente. O Museu da Escola Catarinense (Udesc) reúne um acervo de história oral, pelo qual se pode ter acesso a informações deste gênero. Trata-se de entrevistas realizadas na década de 1990 com professores e profissionais da educação com atuação anterior aos anos 1970. Parte deste material está sistematizada e deverá ser publicada em breve como produto da pesquisa “Memória Docente: Histórias de Professores Catarinenses (1890–1950)”.

Para finalizar, indicamos a necessidade de se mapear o conceito de grupo escolar, lugares nos quais foi utilizado e outros nomes que esta forma escolar recebeu.

Reconhecemos que o mapeamento e a exploração da produção existente tomam os contornos de um objeto de investigação, uma atividade para além do agrupamento daquilo “que está feito”, processo que, também este, exige método. Muitos são os esforços neste sentido no tocante à produção da historiografia nacional e regional, e é a partir destes que deveremos traçar o mapa da cartografia das pesquisas e produções que tomam por objeto os GEs de Santa Catarina. Aliamo-nos à recomendação de Denice Catani e Luciano Faria Filho de que “fazer um exame da produção de um grupo exige [...] a consideração das condições nas quais essa produção foi gerada e pôs-se a circular” (2002, p.114).

## **PRODUÇÃO BIBLIOGRÁFICA “MAPEADA”**

A maior parte dos trabalhos arrolados neste item foi apenas identificada, carecendo de exame e análise mais aprofundada. O mapeamento teve como norte a busca de trabalhos que ajudem a compreender a construção da escola graduada em Santa Catarina e, conseqüentemente, dos GEs. Outro mapeamento, envolvendo a legislação escolar, documentos, iconografia e testemunhos, está em fase de elaboração.

ALVES, Márcia; SANTOS, Jazam e DALLABRIDA, Norberto. A memória das escolas ítalo-brasileiras no Vale do Itajaí (1875–1930). JORNADA DE PESQUISA DA UDESC, IV. 1995, Florianópolis/SC.

BLOGOSLAWSKI, Iلسon P. R.. *A Escola Alemã no Alto Vale do Itajaí: Colônia Matador: Bella Aliança (1892–1931)*, 2000. UFSC (Dissertação – Mestrado em Educação). Florianópolis/SC.

BOMBASSARO, Ticiane. Semanas Educacionais: a formação docente para além dos Institutos de Educação. LAFFIN, Maria Hermínia L. F.; RAUPP, Marilene D. e DURLI, Zenilde (Orgs.). *Professores para a Escola Catarinense: contribuições teóricas e processos de formação*. Florianópolis/SC: Editora da UFSC, 2005 (p. 87-107).

BRAZIL, Salles. *Defeza Nacional: o clero estrangeiro, as escolas republicanas e o casamento civil*. Florianópolis/SC: Typ. da Escola de Artífices, 1916.

CABRAL, Oswaldo R. *Problemas Educacionaes de Hygiene: uma lição de hygiene é sempre uma lição de civismo*. Trabalho apresentado à Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro para obtenção do grau de Doutor em Medicina. Rio de Janeiro: Edição do Autor, 1929. Mimeografado.

CABRAL FILHO, Pedro. *A Constituição da Escola Básica Municipal Beatriz de Souza Brito: 1935-1992*, 1998. UFSC (Dissertação - Mestrado em Educação). Florianópolis/SC.

CAMPOS, Cynthia M. Nacionalismo, diversidades, identidades no Sul do Brasil: proibição da língua estrangeira na era Vargas. SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, XX. Florianópolis/SC: UFSC-ANPUH, 1999.

CARDOSO, Jorge Alexandre N. *A “cientifização” da prática pedagógica: o papel da biologia na formação do professor nos anos 10*, 1998. UFSC (Dissertação – Mestrado em Educação). Florianópolis/SC.

CORDOVA, Tania. *O novo compõe com o velho: a presença do Grupo Escolar no cenário do ensino primário em Lages*, 2008. UFPR (Dissertação – Mestrado em Educação). Curitiba/PR.

CRISTOFOLINI, Nilton José. A Nacionalização do Ensino em Joinville. SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, XX. Florianópolis/SC: UFSC-ANPUH, 1999.

DIRKSEN, Valberto. As fronteiras étnicas e o problema da nacionalização dos imigrantes e seus descendentes em Santa Catarina. SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, XX. Florianópolis/SC: UFSC-ANPUH, 1999.

GASCHO, Maria de Lurdes. *Catequistas Franciscanas: uma antecipação do “aggiornamento” em Santa Catarina (1915–1965)*. Florianópolis/SC: UFSC, 1998.

D’Aquino, Ivo. *Nacionalização do ensino: aspectos políticos*. 2. ed. Florianópolis/SC: Imprensa Oficial do Estado de Santa Catarina, 1942.

DALLABRIDA, Norberto. A Diocese de Florianópolis e a escolarização na Primeira República. REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 21<sup>a</sup>. Caxambu/MG, 1998. (p. 237)

DAROS, Maria das Dores. A formação dos professores da Escola Primária em Santa Catarina. Programa e Resumos. Trabalho apresentado no SEMINÁRIO DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO DA REGIÃO SUL. Florianópolis: Pallotti, 1998 (p. 32-3).

GONÇALVES, Rita de Cássia P. *Arquitetura Escolar: a essência aparece – fábrica e escola confundem-se no desenho da Polivalente, 1996*. UFSC (Dissertação – Mestrado em Educação) Florianópolis/SC.

GOULART, Janete Jane. *A instrução pública elementar na província de Santa Catarina (1834–1889)*, 1992. UFSC (Dissertação – Mestrado em História) Florianópolis/SC.

HEERDT, Moacyr. *As Escolas Paroquiais em Santa Catarina (1890–1930)*, 1992. UFSC (Dissertação – Mestrado em História). Florianópolis/SC.

HOELLER, Solange Aparecida de O. e SOUZA, Gisele de. Instrução e educação higiênica da infância catarinense na Primeira República (1910–1930). SEMINÁRIO DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO DA REGIÃO SUL – ANPED SUL, VII. *Anais...* Itajaí/SC: Univali, 2008.

HOFF, Sandino. Os grupos escolares no período do ciclo da erva-mate em Santa Catarina: um horizonte cultural emerso das atividades do mundo mercantil. SEMINÁRIO DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO DA REGIÃO SUL – ANPED SUL, VII. *Anais...* Itajaí/SC: Univali, 2008.

KLUG, João. Escola teuto- Catarinense e Igreja Luterana: instituições definidoras de fronteiras culturais nas colônias alemãs em Santa Catarina. SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, XX. Florianópolis/SC: UFSC–ANPUH, 1999.

MACHADO, Vanderlei. As representações de corpo e gênero na escola pública primária catarinense (1920–1950). SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, XXIV. São Leopoldo/RS. 2007.

MELO, Orlando Ferreira de. Comentário sobre a Monografia “A Educação em Santa Catarina” – Publicada pela campanha de Inquéritos e Levantamento do ensino Médio e Elementar, do Ministério da Educação e Cultura (sem indicação de local e editora). 1955.

MONTEIRO, Jaecyr. *Nacionalização do Ensino em Santa Catarina (1930–1940)*, 1979. UFSC (Dissertação – Mestrado em História). Florianópolis/SC.

MOTTA, Débora Eliane P. *A construção dos grupos escolares em Santa Catarina (1910–1930)*, 2006. UNISUL – Pedra Branca – (Trabalho de Conclusão do Curso de Pedagogia). São José/SC.

NASCIMENTO, Dorval do. Medidas nacionalizadoras do ensino catarinense na Primeira República (1911–1920). SEMINÁRIO DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO DA REGIÃO SUL – ANPED SUL. VII. *Anais...* Itajaí/SC: Univali, 2008.

NÓBREGA, Paulo de. *Políticas educacionais, coronelismo e nacionalização de imigrantes: modernização do ensino primário público de Santa Catarina*, 2006. UFSC (Tese – Doutorado em Educação). Florianópolis/SC.

NÓBREGA, Paulo de. Grupos Escolares: modernização do ensino e poder oligárquico. In: DALLABRIDA, Norberto (Org.). *Mosaico de Escolas: modos de educação em Santa Catarina na Primeira República*. Florianópolis/SC: Cidade Futura, 2003. (p.253-280).

NÓBREGA, Paulo de. *Ensino público, nacionalidade e controle social: política oligárquica em Santa Catarina na Primeira República (1900–1922)*, 2000. UFSC (Dissertação – Mestrado em Educação). Florianópolis/SC.

PEREIRA, Vera Regina B. *Professores(as) em tempo de nacionalização em Santa Catarina (1930–1940)*, 2004. UFSC (Dissertação – Mestrado em Educação) Florianópolis/SC.

PIACENTINI, Tânia Maria. O Ensino em Santa Catarina na 1ª República (1889–1930). *Cadernos do CED*. 1(2). Florianópolis/SC: CED – UFSC, 1984 (p.15-46).

PINTO, Flávia Maria M. *A Escola Pública em Lages na década de 1930: espaço de disputa política?*, 2001. UFSC (Dissertação – Mestrado em Educação). Florianópolis/SC.

RIBAS, Janete Jane G. T. *A Instrução Pública Elementar na Província de Santa Catarina (1834–1889)*, 1992. UFSC (Dissertação – Mestrado em História). Florianópolis/SC.

SANTOS, Paulete Maria C. dos. *Protocolo do bom cidadão: Série Fontes: lições de moral e civismo na organização da educação de Santa Catarina (1920–1950)*, 1997. UFSC (Dissertação – Mestrado em História). Florianópolis/SC.

SANTOS, Sílvio Coelho dos. *Um esquema para a educação em Santa Catarina*. Florianópolis/SC: Edeme, 1970.

SANTOS, Sílvio Coelho dos. *Educação e Desenvolvimento em Santa Catarina*. Florianópolis/SC: Editora da UFSC, 1968.

SCHEIBE, Leda e DAROS, Maria das Dores (Orgs.). Formação de Professores: Dissertações e Teses defendidas na UFSC: 1988–2001. In: *Formação de Professores em Santa Catarina*. Florianópolis/SC, NUP/CED (p. 179-201). 2002.

SCHMIDT, Leonete Luzia. *A constituição da rede pública de ensino elementar em Santa Catarina: 1830–1959*, 1996. UFSC (Dissertação – Mestrado em Educação) Florianópolis/SC.

SOUZA, Abelardo. *Ementário da Legislação do ensino do Estado de Santa Catarina (1853–1979)*. Florianópolis/SC: Ioesc, 1980.

UNGLAUB, Tânia Regina da R. *O ensino de música no processo educativo: o canto que embalou o projeto nacionalista de Vargas: implicações e desdobramentos nas séries iniciais do ensino*, 2000. UNICAMP (Dissertação – Mestrado em Educação). Campinas/SP.

VANDRESEN, Maria da Graça M. et alli. *Guia dos Acervos de Documentação Escolar encontrada nas escolas da 1ª CRE*. Relatório de Pesquisa. Florianópolis/SC: FAED-UDESC, 1996.

VANDRESEN, Maria da Graça M. *Localização e registro de documentos e materiais Escolares na Grande Florianópolis*. Relatório de Pesquisa. Florianópolis/SC: FAED-UDESC, 1995.

VIEIRA, Alexandre Sardá. *A educação formal no velho município de Chapecó (1929–1945)*, 2000. UFSC (Dissertação – Mestrado em História). Florianópolis/SC.

VOIGT, Márcio Roberto. *Imigração e cultura Alemã no Vale do Itajaí: educação, religião e sociedades na história de Timbó – Santa Catarina (1896–1939)*, 1996. UFSC (Dissertação – Mestrado em História). Florianópolis/SC.

ZEN, Mariane Werner. *A ação educativa presente nos Clubes de Leitura e Bibliotecas Escolares em Santa Catarina: o caso do Grupo Escolar Alberto Torres, Brusque/SC (1938–1950)*, 2007. FAED – UDESC (Dissertação – Mestrado em Educação e Cultura). Florianópolis/SC.

## **BIBLIOGRAFIA CONSULTADA**

AURAS, Gladys Mary Teive. *Modernização econômica e formação do professor em Santa Catarina*. Florianópolis/SC: EDUFSC, 1998.

AURAS, Gladys Mary Teive e DALLABRIDA, Norberto. A Faculdade de Educação nos anos 60: releitura da “idade de ouro”. *Revista Percursos*, v.4, n.1. Florianópolis/SC: FAED–UDESC, 2003.

AURAS, Marli. Fontes e Historiografia Educacional Brasileira: contribuição para o debate a partir da produção de conhecimento em história da educação catarinense relativa ao século XIX. LOMBARDI, José Claudinei e NASCIMENTO, Maria Isabel Moura (Orgs.). *Fontes, História e Historiografia da Educação*. Campina: Autores Associados: HISTEDBR; Curitiba/PR: PUC/PR; Palmas/PR: UNICS; Ponta Grossa: UUEPG, 2004. (p.121-140).

BASBAUM, Leôncio. *História sincera da República*. São Paulo: Alfa Ômega, 1986.

BASTOS, Maria Helena C.; BENCOSTTA, Marcus Levy e CUNHA, Maria Teresa S. *Uma cartografia da pesquisa em História da Educação na Região Sul: Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul (1980–2000)*. Pelotas/RS: Seiva, 2004.

CARVALHO, Marta M. Chagas de. Reformas da Instrução Pública. In: LOPES, Eliane M. Teixeira; FARIA Filho, Luciano M. de e VEIGA, Cynthia G. (Orgs.). *500 Anos de Educação no Brasil*. Belo Horizonte/MG: Autêntica, 2000. (p. 225-251).

CATANI, Denice B. e FARIA FILHO, Luciano M. de. Um lugar de produção e a produção de um lugar: a história e a historiografia divulgadas no GT História da Educação da ANPEd (1985–2000). *Revista Brasileira de Educação*. n. 19. São Paulo/SP: jan/fev/mar/abr. 2002. (p.113-128).

CUNHA, Maria Teresa S.; CUNHA, Jorge Luiz da; TEIVE, Gladys M. Ghizoni; FERNANDES, Marlene (Bolsista de Iniciação Científica – PROBIC/UDESC). *Saberes impressos: imagens de civilidade em textos escolares e não-escolares. Composição e circulação (décadas de 50 a 70 do século XX)*. Pesquisa em andamento. Florianópolis/SC – UDESC.

DALLABRIDA, Norberto. Colméia de virtudes: o Grupo Escolar Arquidiocesano São José e a (re)produção das classes populares. In: DALLABRIDA, Norberto (Org.). *Mosaico de escolas: modos de educação em Santa Catarina na Primeira República*. Florianópolis/SC: Cidade Futura, 2003. (p.281-308).

ELIAS, Norbert. Etiqueta e cerimonial: comportamento e mentalidade dos homens como funções da estrutura de poder de sua sociedade. In: *A Sociedade de Corte: investigações sobre a sociologia da realeza e da aristocracia de corte*. Rio de Janeiro/RJ: Zahar, 2001. (p.97-131).

ELIAS, Norbert. *O processo civilizacional: investigações sociogenéticas e psicogenéticas*. Vol. 1: Transformações do comportamento das camadas superiores seculares do Ocidente. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1989.

FIORI, Neide de Almeida. *Aspectos da evolução do ensino público: ensino público e política de assimilação cultural no Estado de Santa Catarina nos períodos imperial e republicano*. Florianópolis/SC: Secretaria de Estado da Educação, 1975.

GASPAR da SILVA, Vera Lucia. Vitrines da República: os Grupos Escolares em Santa Catarina (1889–1930). In: VIDAL, Diana G. (Org.). *Grupos Escolares: cultura escolar primária e escolarização da infância no Brasil (1893–1971)*. Campinas/SP: Mercado de Letras, 2006. (p. 341-376).

GASPAR da SILVA, Vera Lucia e SCHÜEROFF, Dilce. *Memória docente: histórias de professores catarinenses (1890–1950)*. CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO: A EDUCAÇÃO E SEUS SUJEITOS NA HISTÓRIA, IV. Anais... Goiânia/GO: Universidade Católica de Goiás, 2006.

GASPAR da SILVA, Vera Lucia. *Sentidos da profissão docente: estudo comparado acerca de sentidos da profissão docente do ensino primário, envolvendo Santa Catarina, São Paulo e Portugal na virada do século XIX para o século XX*, 2004. Tese de Doutorado em Educação: História da Educação e Historiografia, Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo – USP. São Paulo.

GASPAR da SILVA, Vera Lucia. Regulamentos para Instrução: para além do ensino, as condutas. Trabalho apresentado no CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA

EDUCAÇÃO – EDUCAÇÃO NO BRASIL: HISTÓRIA E HISTORIOGRAFIA, I. Grupo: Profissão Docente. Rio de Janeiro, 2000.

GONDRA, José Gonçalves. Apresentação. BASTOS, Maria Helena C.; BENCOSTTA, Marcus Levy Albino e CUNHA, Maria Teresa S. *Uma cartografia da pesquisa em História da Educação na Região Sul: Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul (1980–2000)*. Pelotas: Seiva, 2004. (p. 9-12).

FARIA FILHO, Luciano M. *Dos pardieiros aos palácios: cultura escolar e urbana em Belo Horizonte na Primeira República*. Passo Fundo/RS: UPF, 2000.

FARIA FILHO, Luciano M. e VIDAL, Diana G. Os tempos e os espaços escolares no processo de institucionalização da escola primária no Brasil. *Revista Brasileira de Educação*. n. 14. São Paulo: ANPED (mai/jun/jul/ago de 2000) (p.19-34).

FIORI, Neide Almeida. *Aspectos da evolução do Ensino Público: Ensino público e política de assimilação cultural no Estado de Santa Catarina nos períodos Imperial e Republicano*. Florianópolis/SC: Edeme, 1975.

NÓVOA, António e SCHRIEWER, Jürgen (Eds.). *A difusão mundial da escola*. Lisboa: Educa, 2000.

PROCHNOW, Denise de Paulo M. *Pedra angular da República: as lições dos primeiros grupos escolares florianopolitanos (1909–1935)*. Relatório Final de Bolsa de Iniciação Científica no Projeto da Pesquisa: “As Lições dos Grupos Escolares: um estudo sobre a incorporação do método de ensino intuitivo ou lições de coisas na cultura escolar dos primeiros grupos escolares catarinenses (1911–1935)”. Florianópolis/SC: FAED–UDESC, 2006.

PROCHNOW, Denise de Paulo M. As séries graduadas de leitura: a escolarização da literatura no contexto catarinense. SEMINÁRIO DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO DA REGIÃO SUL – ANPED SUL, VII. *Anais...* Itajaí/SC: UNIVALI, 2008.

QUADROS, João Eduardo. *Cartografias disciplinares: reflexões sobre governamentalidade nos sete primeiros Grupos Escolares catarinenses*. Relatório Final de Bolsa de Iniciação Científica da Pesquisa “As lições dos grupos escolares: um estudo sobre a incorporação do método de ensino intuitivo ou lições de coisas na cultura escolar dos primeiros grupos escolares catarinenses (1911–1935)”. Florianópolis/SC: FAED–UDESC, 2008.

REIS, Rosinete Maria dos e SÁ, Nicanor Palhares. *Palácios da instrução: institucionalização dos Grupos Escolares em Mato Grosso (1910–1927)*. Cuiabá/MT: Central do Texto: EdUFMT, 2006.

SOUZA, Rosa Fátima de. Prefácio. In: REIS, Rosinete Maria dos e SÁ, Nicanor Palhares. *Palácios da instrução: institucionalização dos grupos Escolares em Mato Grosso (1910–1927)*. Cuiabá/MT: Central do Texto/EdUFMT, 2006.

SOUZA, Rosa Fátima. *Templos de civilização: a implantação da escola primária graduada no Estado de São Paulo (1890–1910)*. São Paulo: Editora da UNESP, 1998.

TEIVE, Gladys Mary Ghizoni. “*Uma vez normalista, sempre normalista*”: cultura escolar e produção de um *habitus* pedagógico (Escola Normal Catarinense: 1911–1935). Florianópolis/SC: Insular, 2008.

TEIVE, Gladys Mary Ghizoni. Currículo e pedagogia moderna nos primeiros grupos escolares catarinenses (1911–1935). CONGRESSO LUSO-BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, VII. *Anais...* Porto: Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, 2008.

TEIVE, Gladys Mary Ghizoni (Coord.). *Grupo Escolar e produção do sujeito moderno: um estudo sobre o currículo e a cultura escolar dos primeiros grupos escolares catarinenses (1911–1935)*. Projeto de Pesquisa apresentado ao CNPq para solicitação de auxílio à pesquisa – Edital MCT/CNPq 03/2008 – Ciências Humanas, Sociais e Sociais Aplicadas. Florianópolis/SC, 2008.

TEIVE, Gladys Mary Ghizoni (Coord.). *As lições dos grupos escolares: um estudo sobre a incorporação do método de ensino intuitivo ou lições de coisas na cultura escolar dos primeiros grupos escolares catarinenses (1911–1935)* – Pesquisa em andamento. Florianópolis/SC: FAED–UDESC, 2007.

VAGO, Tarcísio Mauro. *Cultura escolar, cultivo de corpos: Educação Physica e Gymnastica como práticas constitutivas dos corpos de crianças no ensino público primário de Belo Horizonte (1906–1920)*. Bragança Paulista/SP: EDUSF, 2002.

VIDAL, Diana. Cultura e práticas escolares: a escola como objeto de pesquisa. In: *Culturas escolares: estudo sobre práticas de leitura e escrita na escola pública primária (Brasil e França, final do século XIX)*. Campinas/SP: Autores Associados, 2005 (p.21-69).

VINCENT, Guy; LAHIRE, Bernard e THIN, Daniel. Sobre a história e a teoria da forma escolar. Tradução de Diana Gonçalves Vidal, Vera Lucia Gaspar da Silva e Valdeniza Maria da Barra. *Educação em Revista*. Belo Horizonte/MG: Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais. n. 33, jun. 2001 (p. 7-47).